

LIDERANÇA E PROTAGONISMO REVOLUCIONÁRIO EM CUBA: UM DEBATE SOBRE FIDEL CASTRO

Hélio Augusto de Souza Alves¹

Mestrando (UNESP/Assis)

augusto_helio@hotmail.com

RESUMO:

Do romantismo à aversão, a Revolução Cubana costuma apresentar-se como elemento divisor de águas no tocante ao sentimento que desperta no público. Em todos os sentidos, porém, a figura de Fidel Castro Ruz costuma projetar-se como elemento de destaque e, de um lado a outro, o líder rebelde é tido no senso comum como sinônimo da luta e da vitória conquistada pelos rebeldes na década de 1950, com uma grandeza que – direta ou indiretamente – ofusca outros homens e mulheres que prestaram contribuições à revolução cubana. Nesse sentido, o presente trabalho versa sobre as razões que levaram Castro a se popularizar em detrimento dos demais nomes que atuaram na revolução cubana, bem como lançar luz sobre as contribuições que outras figuras prestaram à causa revolucionária. Nos guiamos pelos questionamentos de nossa investigação a respeito do papel que teria desempenhado a imprensa no contexto da revolução em Cuba, além de voltarmos nossa atenção para a relação estabelecida desde muito entre Fidel Castro e os órgãos de informação em seu país. Poderíamos dizer que Fidel Castro e seu protagonismo fazem parte de um trabalho de divulgação da revolução cubana e, por conseguinte, de si mesmo empreendido pelo líder rebelde nas páginas da imprensa de seu país?

Palavras-chave: Fidel Castro; Revolução Cubana; Imprensa

INTRODUÇÃO

Grande parte do que se produz a respeito da Cuba revolucionária, em seu período insurrecional (portanto, anterior à tomada do poder em janeiro de 1959), costuma dar conta de conferir ao jovem advogado Fidel Castro Ruz um protagonismo e uma grandiosidade que, por verdadeiras que possam ser tais impressões, em geral não estariam tão restritas somente a ele.

Queremos dizer que, na realidade, embora Fidel Castro tenha desempenhado papel fundamental na luta contra a ditadura de Fulgêncio Batista naquela etapa da história de

¹ Aluno do Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP), sob orientação do Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa. O presente artigo é parte dos resultados parciais da investigação de mestrado com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP (Processo: 2018/14475-4).

Cuba, a historiografia costuma atribuir ao líder do Movimento Revolucionário 26 de Julho uma grandiosidade que ao leitor pode – e costuma – induzir à interpretação de que teria sido Castro o único articulador de uma série de ações armadas contra o governo de Batista e que, por essa razão, o triunfo de janeiro de 1959 lhe seria também de única responsabilidade.

Equivocam-se, porém, em múltiplos sentidos interpretações dessa natureza, afinal não só de ações armadas se fez a revolução cubana, bem como não só a partir de Fidel Castro foram criadas condições ou partiram iniciativas que contribuíram para o triunfo da revolução naquele país. Tais interpretações acabam por relegar à segundo plano outros meios que, também importantes e além da via armada, deram condições e abriram caminho à vitória rebelde contra o governo. Ou, ainda, tais olhares acabam por deixar de lado outras figuras que, dentro do próprio M-26/7, chegaram a desempenhar papéis fundamentais ao lado de Fidel Castro – muitas vezes dando ao líder do movimento condições imprescindíveis para a vitória a que pleiteavam os revolucionários.

Não pretendemos reduzir a figura de Fidel Castro em nossa discussão e, menos ainda, questionar a importância que teve naquele momento da história de seu país. Aliás, reconhecemos de maneira absoluta e inequívoca o papel de liderança política e social que exerceu durante a luta revolucionária e após ela, à frente do país dentro da primeira dezena de anos do século XXI; queremos, contudo, alertar para a também importante existência e contribuição de outros personagens e grupos que transcendem a dualidade comumente adotada Fidel Castro-Movimento 26 de Julho. Queremos, sobretudo e para além disso, demonstrar como essa narrativa redentora em torno de Fidel Castro se constituiu e pôde se consolidar.

Para fazer valer nossa análise, temos a intenção de, através de um trabalho que transita entre bibliografia e fontes, discutir o protagonismo conferido a Fidel, ressaltando a importância que outras figuras também tiveram no processo histórico da revolução em Cuba, trazendo à luz um olhar sobre seus nomes e suas contribuições. Figuras como os irmãos Abel e Haydee Santamaría, Jesús Montané, José António Echeverría, dentre outros, surgirão em meio ao trabalho aqui produzido no sentido de identificar os papéis desempenhados por essas figuras em paralelo a Fidel Castro e compreendendo porque

este último teria ficado, até os dias de hoje, com a aura da liderança e da responsabilidade pelo triunfo revolucionário como se fosse, naquele momento, o único e verdadeiro artífice-sonhador da insurreição.

Teria Fidel Castro, sozinho, obtido êxito em sua empreitada naquele ano novo de 1959? Estaria essa tomada de Fidel Castro como figura unicamente responsável pela revolução cubana ligada à uma construção que se deu em torno da imagem do líder rebelde? Seria possível dizer que esse protagonismo dado a Fidel – real, mas que não lhe pertence unicamente – se constitui como parte de um intenso trabalho de divulgação levado a cabo por órgãos de imprensa em Cuba e reforçado até mesmo pela criação de veículos de informação clandestinos ligados à direção do Movimento Revolucionário 26 de Julho?

OS BASTIDORES DA MUDIATIZAÇÃO DE FIDEL: DO GOLPE AO MONCADA

O triunfo revolucionário de janeiro de 1959 em Cuba foi o importante resultado de um processo insurrecional que, através de embates e combates, depôs Fulgêncio Batista e deu fim à tirania de seu governo, projetando para o novo cenário político a figura dos barbudos revolucionários que, da *sierra* ou do *llano*, contribuíram de maneira decisiva para a nova fase daquela ilha caribenha.

Ao tratar da temática da Revolução Cubana, é natural que as discussões acerca dos enfrentamentos desencadeados em seu processo refiram-se, via de regra, àqueles combates produzidos através da luta armada ou, melhor ainda, através da guerra de guerrilhas na região montanhosa da *Sierra Maestra*. Por outro lado, tratar, paralelo aos citados combates, também dos embates referentes a mesma revolução pode soar redundante ao leitor menos atento, podendo parecer diferentes termos ou tratamentos para um mesmo fato. Isso, contudo, não expressa nossa intenção. Os embates aos quais aqui fazemos menção são, justa e especificamente, relativos aos enfrentamentos políticos entre os órgãos de imprensa em Cuba naquela década de 1950, norteados, muitas vezes, pelos objetivos políticos dos atores de então.

Evidente é que desde muito sabe-se da intrínseca relação entre imprensa e política na ilha de Cuba. Para elucidar a questão poderíamos citar as publicações independentistas do século XIX ou, para sermos mais específicos, referir-nos à própria atuação de Carlos Manuel de Céspedes ou de José Martí – ícones da luta pela independência de Cuba – nas páginas de jornais dentro e fora do país, com publicações carregadas de apelo político.

Em uma manutenção dessa tradição, na segunda metade do século XX jovens cubanos investiram na luta contra a ditadura através de órgãos de imprensa (muitos dos quais clandestinos, à exemplo do que fizeram seus conterrâneos independentistas de outrora). A esse grupo de jovens, viria a somar-se Fidel Castro e, a partir de então, a luta contra Batista encontrava seu ponto de partida na vida do jovem advogado da família Castro.

Partindo da importante relação estabelecida por Fidel Castro com a imprensa – a partir da qual, cremos, pode ser compreendida a construção de um imaginário que o privilegie em detrimento dos demais revolucionários, haja vista o intenso uso que fará dos órgãos de informação de seu país –, devemos mergulhar na explanação e aprofundamento das análises mais elementares de nosso trabalho.

Muito embora o ponto alto do diálogo entre imprensa e política revolucionária se encontre mais precisamente no âmbito do periódico *Revolución* – órgão oficial do Movimento Revolucionário 26 de Julho criado no calor da luta insurrecional – é pertinente levarmos em conta que desde muito houve uma intensa atuação política através de outros órgãos no país, cujo objetivo, de fato, eram denunciar o governo Batista, produzir informação contra aquelas divulgadas pelo governo, bem como divulgar a causa revolucionária, mobilizando a opinião pública contra a ditadura.

O simples percorrer desse caminho que rememora órgãos e atuações, ainda que em muitos casos coloque o pesquisador diante do nome de Castro por repetidas vezes, deve mostrar, para além disso, a firme e importante atuação de figuras sem as quais o projeto político fundamentado, dentre outras coisas, no uso dos meios de comunicação, não teria sido levado a cabo da maneira como foi.

Nos primórdios da luta contra a ditadura que se instalava em Cuba naquele fatídico 10 de março de 1952, Raul Gómez García, Jesús Montané e Abel Santamaría criavam *Son los mismos* – Boletim Oficial da Fraternidade Ortodoxa. Essas figuras, importantes nessa empreitada de combate à ditadura através da imprensa, representaram, para além disso, parte do grupo de homens – ditos *moncadistas*² – que compuseram a ação de 26 de julho de 1953, aspecto que reforça a grandeza de seus papéis à causa rebelde restrita não só à referida publicação. Apenas mais tarde, em julho de 1952, é que o jovem Fidel Castro viria a somar-se a essas figuras no periódico, alterando seu nome para *El Acusador*.

É bem verdade que àquela altura Castro já contava com a experiência e prática *periodística* em seu currículo, afinal havia se iniciado nas páginas da imprensa com um artigo de cunho político e acusatório contra o então presidente Carlos Prío em janeiro de 1952 (CASTIÑEIRA, 2011, p. 40). Contudo, foi graças à iniciativa de Santamaría, Montané e García que Fidel pôde posicionar-se frente ao governo Batista em meados daquele ano através do referido Boletim Ortodoxo.

Mais uma vez contribuindo para os objetivos político-jornalísticos de Fidel Castro, Abel Santamaría e Jesús Montané foram decisivos para que Fidel pudesse não somente ser lido, como, agora e sobretudo, ser ouvido a partir de dois rádio-transmissores que um médico, Dr. Muñoz, possuía e que lhes seriam úteis para a divulgação de uma passeata anti-batistiana planejada na Universidade (SZULC, 1987, p. 260).

Se, por um lado, temos aqui algumas (de tantas) demonstrações de consciência de Fidel Castro sobre o papel fundamental que exercia a imprensa no âmbito político; por outro, podemos observar que sem a intervenção, iniciativa e/ou participação ativa de outras figuras, o jovem advogado de Birán teria encontrado alguns problemas em seu caminho.

Mais adiante, após a prisão do líder rebelde em decorrência do fatídico 26 de julho de 1953, novamente a imprensa, clandestina e legal, lhe seria lugar de fala para as massas. E, mais uma vez para além de sua visão sempre panorâmica e contextual das situações,

² O termo *moncadistas* é utilizado frequentemente por Mario Mencía para se referir àqueles que do assalto ao Moncada participaram. Para mais informações, ver: MENCÍA, Mario. *Prisão Fecunda*. La Habana: Política, 1982.

Fidel Castro contou com a profusa contribuição de Melba Hernández e Haydée Santamaría sem as quais, vale recordar, seu programa revolucionário – oriundo de sua célebre defesa ante o tribunal que o julgava pela ação fracassada de 26 de julho de 1953 – muito dificilmente teria saído da prisão e ganhado as ruas cubanas no que seria o começo de uma ampla mobilização popular.

No documento dirigido à Melba Hernández e Haydee Santamaría datado de 18 de junho de 1954 Castro, comentando e orientando sobre o plano de distribuição do célebre discurso de defesa – *A História me Absolverá* –, afirma:

[...] deve-se distribuir pelo menos cem mil num prazo de quatro meses. Deve ser feito com um plano perfeitamente organizado para toda a Ilha. [...] Considero que nestes momentos a propaganda é vital; sem propaganda não há movimento de massas, e sem movimento de massas, não há revolução possível (MENCÍA, 1982, p. 118).

Além de Haydée – irmã de Abel Santamaría, *moncadista* tombado em julho de 1953 e um dos artífices do movimento ao lado de Fidel – e Melba Hernández, contribuíram para a divulgação do folheto também outras figuras, tais quais a própria irmã de Fidel Castro, Lídia; o pai de Melba, Manuel Hernández (esses todos responsáveis pelo recebimento e transcrição do material). Além deles, a atividade do contador José Valmaña Mujica e outros companheiros seria de grande importância:

Com Valmaña como tesoureiro da edição, mais um grupo de camaradas, que estava composto por Pedro Celestino Aguilera e Orbein Hernández (que participaram nas ações do 26 de Julho), Calixto Morales e René Reiné (futuros expedicionários do Granma: René cairia após o desembarque), Elda Pérez, Ondina Matheu Orihuela, Humberto Grillo, Julio Martinez (mais tarde foi combatente da Frente do M-26/7 no Escambray, hoje falecido), encarregou-se da arrecadação dos fundos necessários para custear a edição (MENCÍA, 1982, p. 120).

Ou seja, figuras tais como as apresentadas até o presente momento foram de fundamental importância para o ecoar da voz de Fidel Castro inclusive nos duros tempos do cárcere. E na maior parte dos momentos, para não dizer em todos, o que se tem é uma presença latente e inconfundível do uso político da imprensa e da consciência a respeito da importância da comunicação de massas para a conquista dos objetivos traçados por Castro.

Podemos entender que, em parte, esse reconhecimento do papel da imprensa venha do próprio olhar atento ao passado histórico da nação e da já citada tradição político-periodística dos mártires da independência. Não sabemos até aqui afirmar. Mas, por outro lado, podemos assegurar que as preocupações de Fidel Castro em fazer um uso político da imprensa cubana se converteriam em uma importante arma da revolução cubana após seu retorno do exílio, numa frente paralela à guerra de guerrilhas: a guerra de informações.

Sobre o que entendemos serem os tempos que marcam a relação do líder cubano com a imprensa na etapa insurrecional, o estudo dos principais órgãos cubanos da época somado a pesquisa bibliográfica, nos apresenta dados que apontam para uma entrevista de Fidel Castro à Revista *Bohemia* publicada em 09 de julho de 1954, a qual, segundo Mario Mencía, teria se dado na cela de Castro (MENCÍA, 1982, p. 135). O título da reportagem, *Com os presos políticos na Ilha de Pinos*, nos parece significativo, tendo em vista o fato de já em 1954 as palavras utilizadas por *Bohemia* para referir-se aos moncadistas e, dentre eles, Fidel – o entrevistado na ocasião – era, pois, “presos políticos”, aludindo ao fato de que esses detentos ali estavam por questões políticas, afastando-os e diferenciando-os, portanto, de criminosos comuns.

ANITIA, EXÍLIO E REGRESSO: LIBERDADE E LUTA ATRAVÉS DA IMPRENSA

Tendo exposto até o presente instante os caminhos percorridos e as relações estabelecidas por Fidel Castro com a imprensa, além das contribuições prestadas por outros nomes à causa, entendemos ter determinado com clareza a importância da imprensa tanto para denunciar as arbitrariedades do governo quanto para a divulgação dos ideais revolucionários de Castro e seus correligionários.

O panorama até aqui traçado se torna ainda mais instigante ao analisarmos os desdobramentos do uso feito da imprensa naquele momento, tendo os mais diferentes órgãos da época exercido tamanha pressão no governo da ilha a ponto de podermos

verificar uma intensa campanha pela anistia dos presos políticos estampada nas páginas de órgãos de peso na Cuba dos anos 1950.

Antecedente da campanha pela anistia através da imprensa cubana, está, mais uma vez, a atuação política do próprio líder revolucionário através da Revista *Bohemia*. Castro – conhecido nas atas da prisão como preso nº 3859 – publicara um artigo intitulado *Carta sobre a Anistia* no referido órgão no dia 25 de março de 1955, ou seja, desde a prisão, denunciando o silêncio a que eram forçados os presos políticos e as infâmias que a oposição proferia contra eles, sem que pudessem defender-se (MENCÍA, 1982, p. 196).

Essa intervenção de Fidel Castro na imprensa não só gerou uma intensificação da pressão popular a favor da anistia, bem como rendeu a ele e a seu irmão, Raul, a privação de comunicação e de visitas por 30 dias, determinada pelo Conselho de Direção da prisão. Contudo, pontua Mencía que aos 27 dias do mês de março, portanto dois dias após a publicação, *Bohemia* tornaria a publicar um artigo, dessa vez de José Antonio Echeverría, importante liderança estudantil, dirigente da Federação Estudantil Universitária (FEU). Em seu escrito, Echeverría disparava contra o regime e exigia anistia para os presos políticos. Somando forças, em 5 de abril o *Diario Nacional* viria a denunciar o impedimento que sofreram as irmãs de Fidel na tentativa de visita-lo e defendia, novamente, o tema da anistia. Finalmente, no dia 10 de abril *Bohemia* voltaria a denunciar a sanção de incomunicabilidade imposta a Fidel (MENCÍA, 1982, pp. 205-207).

A libertação, chegou, por fim no dia 15 de maio seguida de uma conferência oferecida à imprensa e dirigida ao povo de Cuba. No dia 16, Fidel Castro teria imediatamente publicado no periódico *La Calle*, de Luis Orlando Rodríguez, o *Manifiesto al Pueblo de Cuba* proferido na conferência do dia anterior e, agora, assinado por ele e os demais combatentes (CASTIÑEIRA, 2011, p. 326). Ademais, o fato de ter se ocupado de atividades junto à imprensa antes de mais nada nos possibilita verificar a intenção de Fidel Castro em garantir que seu posicionamento enquanto opositor ao governo Batista, mesmo tendo sido libertado, continuasse em evidência.

Em sua entrevista a Katiuska Blanco, o líder histórico da revolução cubana demonstra ter já naquela época a consciência e uma das primeiras vivências do poder que

o apoio popular lhe conferia. Registra que chegando em Havana uma multidão se reuniu, fez denúncias e que:

Cuando en el periódico La Calle se publicaron las denuncias acusando al Ejército, acusando a Chaviano, acusando a Batista de todos los crímenes cometidos, fue espectacular. Para entonces yo era prácticamente intocable, no se atrevían a tocarme; **me protegía el gran apoyo popular**, porque todo había causado gran conmoción entre la gente (CASTIÑEIRA, 2011, p. 330, grifos nossos).

Conforme ressalta o professor José Cantón Navarro (2003, p. 166), após sua libertação com os demais presos políticos, Fidel teria iniciado uma intensa atividade com o objetivo de desmentir os porta-vozes do governo Batista, chegando a visitar pessoalmente jornais e estações de rádio, agradecendo pela campanha de anistia dos moncadistas e escrevendo artigos para a revista *Bohemia e La Calle*.

Publicado sob o título *Soy un combatiente sin odios ni resentimiento* no dia 22 de maio de 1955, o novo artigo de Fidel Castro em *Bohemia* vinha como forma de agradecimento e reconhecimento da mobilização popular e do importante papel desempenhado pelos órgãos de informação.

La amnistía es el resultado de la extraordinaria movilización popular, secundada magistralmente por la prensa cubana, que ha ganado la más hermosa de las batallas. Nuestro mensaje de gratitud, por tanto, es para el pueblo y los periodistas, a los que estaremos siempre hondamente agradecidos (CASTRO, 1955, p. 9).

Com a anistia e seguinte partida de Fidel Castro para o exílio no México, diferente do que poderia parecer, o líder rebelde se manteve – mesmo distante – ainda próximo da ilha e presente no cotidiano do povo. Não porque sua fracassada ação em julho de 1953 tenha se popularizado, mas porque se preocupou em manter sua prática de intervenções na imprensa, com ataques e denúncias à ditadura.

De acordo com informações do líder cubano reveladas em entrevista publicada e conforme pudemos confirmar nos arquivos de *Bohemia*, Fidel Castro teria ainda publicado na revista em 8 de janeiro, em 5 de março, em 01 de abril, em 09 de julho e em 02 de setembro de 1956 (CASTIÑEIRA, 2011, pp. 408-415). A incidência de tantas publicações de Fidel na revista durante o ano de 1956 nos permite observar a já citada preocupação em estar nas páginas de grande circulação de seu país, reforçada sobretudo

se pensarmos que tais publicações se não só desde o exílio mexicano, como também uma delas – a de 09 de julho de 1956 – tendo sido redigida desde a prisão naquele país.

Sobre sua disposição para a atuação nos periódicos em paralelo à organização da revolução que triunfaria em janeiro de 1959, Castro detalha que aproveitava os períodos em que não havia censura para publicar, reforçando a importância da imprensa no sentido de permitir que se defendesse e estivesse, ao mesmo tempo, próximo às massas, afinal, segundo o líder cubano “un político sin masa es igual a cero; una revolución sin masa es igual a cero” (CASTIÑEIRA, 2011, p. 408).

E foi com essa mentalidade e fé inabalável no poder da mobilização das massas que, de volta à Cuba, ganhou forma no seio do M-26/7 o periódico *Revolución*, uma iniciativa de Carlos Franqui. Contando com um periódico próprio, cujo papel naquele momento era o de reafirmar a presença do movimento na ilha, dar voz aos rebeldes e combater as informações contrarrevolucionárias produzidas e difundidas pelo governo, o projeto jornalístico de Franqui para a revolução cubana julgou papel determinante no contexto da guerra de informações em Cuba.

CONTRIBUIÇÕES À REVOLUÇÃO DESDE A CLANDESTINIDADE

Ainda que a criação de *Revolución* date de fevereiro de 1957, vale ressaltar que o referido periódico fora precedido por outra publicação de 15 de maio de 1956: *Aldabonazo*, a qual, mais tímida que seu sucessor, circulava já como órgão oficial do Movimento 26 de Julho. De acordo com Patricia Calvo González:

Con el grupo preparándose en México para el futuro desembarco, la publicación daba cabida a artículos y editoriales que explicaban las intenciones del Movimiento con el objetivo de captar adeptos para la causa revolucionaria (GONZÁLEZ, 2014, p. 180).

A partir do exposto temos não só, portanto, outra situação na qual a produção de informações fora crucial para os objetivos revolucionários do grupo naquele então como, ainda, o fato de que a iniciativa, direção e organização desse órgão na ilha teve à sua frente figuras sem as quais, quiçá, teria sido mais difícil a mobilização popular que preparava o terreno para a volta de Fidel, ainda exilado no México.

Exemplo do exposto é o fato de que naqueles tempos, antecedentes à chegada de Fidel Castro, sob a orientação de Frank País dá-se início em Santiago de Cuba à edição de boletins, como o *Boletín Informativo*, que em seu primeiro número surgiu com vistas a anunciar a chegada de Fidel e existência de um núcleo guerrilheiro no país. Ainda sob o olhar cuidadoso de País, podemos citar o boletim *Ultimas Noticias*, de 6 de fevereiro de 1957 (RIZO; COLOMA; AVILA, 2007, p. 3).

Castro desembarcou, finalmente, em 2 de dezembro de 1956 em Cuba. Após a longa e dificultosa viagem a bordo do iate *Granma*, nas páginas da história o seu retorno marcou o período de intensificação das disputas pelo poder na ilha. Nas páginas de *Aldabonazo* e para o grupo de intelectuais que produzia o periódico clandestino, seu retorno marcava o início da revolução em Cuba. Eis, pois, o nome do novo periódico de Franqui: *Revolución*.

É determinante observarmos e ressaltarmos esse detalhe. A simples mudança do nome do órgão informativo do M-26/7 para *Revolución* após a chegada de Fidel Castro na ilha carrega a mensagem de que ali se iniciava uma revolução no país. De que com o líder do movimento na pátria-mãe a revolução aconteceria.

Salió Revolución: informador, organizador, orientador, con una tirada de veinte mil ejemplares, **anunciando que Fidel estaba vivo y en la Sierra Maestra, con la guerrilla y las milicias campesinas;** jugó un papel importante en aquel momento de confusión, derrota y dificultades. **Hizo viva la presencia del Movimiento en todo el país.** Y la persecución policíaca se hizo implacable (FRANQUI, 1976, p. 183 apud GONZÁLEZ, 2014, p. 183, grifos nossos).

Fazendo viva a presença do movimento no país e anunciando que Fidel Castro estava vivo, a atuação e a influência que *Revolución* teve desde a clandestinidade foi imensa. Tão grande, aliás, quanto foi a atuação das figuras várias que compuseram, nos bastidores da vida clandestina, as oficinas para a produção do órgão dirigido por Carlos Franqui.

Desde as montanhas da *Sierra Maestra*, na então província de Oriente, matérias eram elaboradas e fotografias eram feitas para, de maneira clandestina em oficinas das quais dispunham os rebeldes, o material ser rodado e ganhar vida. Dentre as instalações clandestinas a que dispunham, estava a revista *Carteles* em Havana, onde era crítico

cinematográfico Guillermo Cabrera Infante e atuava como *freelancer* Carlos Franqui (FAVATTO JÚNIOR, 2014, p. 95).

Sob o espectro da censura e o temor da perseguição política, jovens cubanos se devotaram à causa revolucionária e à proposta jornalística de Carlos Franqui. Dentre eles, o jovem fotógrafo Ernesto Fernández Noguerras, que em entrevista ao autor em março de 2017 revelou detalhes da produção de *Revolución* e nomes que atuaram ativamente nesse projeto, como Jesús Blanco – possível contato do Movimento dentro de *Revolución* – e Santiago Cardozo.

Com base no exposto, temos defendido que a imprensa, e aqui destaca-se a clandestina, assumiu, portanto, uma inegável importância nos anos que antecederam o triunfo da Revolução Cubana na década de 1950. Afinal, lembramos, esses órgãos clandestinos assumiam em sua razão de ser a responsabilidade de combater, não pela via armada, mas através das palavras as tentativas do governo em desmobilizar a luta revolucionária.

Não por outra razão, *Revolución* e seu corpo de colaboradores clandestinos devem ser levados em conta como parte indissociável constitutiva de uma intensa guerra de informações sem a qual não podemos compreender a Revolução Cubana em sua completude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando os questionamentos que nortearam e determinaram a produção do presente trabalho frente às discussões até aqui delineadas, podemos visualizar um cenário em que a revolução cubana deve ser observada e entendida para muito além de abordagens que conduzem ao estabelecimento de dualidades do gênero Fidel Castro-Movimento 26 de Julho ou Revolução Cubana-Guerra de Guerrilhas, dentre outras que costumeiramente se sobressaem ante o todo; ante o amplo e múltiplo processo revolucionário de Cuba.

Não pretendemos trazer respostas definitivas ou verdades incontestes sobre o tema. Pelo contrário, buscamos apresentar um panorama da Cuba revolucionária,

ressaltando as mais distintas figuras que, com Fidel Castro e para além dele, deram vida ao sonho de uma revolução em Cuba na contramão dos interesses imperialistas na ilha. Figuras essas, conforme mencionamos, sem as quais muitos dos projetos revolucionários idealizados até mesmo por Castro quiçá não teriam encontrado terreno fértil para se consolidar.

É por essa razão que deve-se olhar cuidadosamente para a figura do líder histórico da revolução cubana no sentido de reconhecer seus feitos e a grandiosidade de uma série de seus atos sem, contudo, toma-lo como figura onipotente. Por mais importantes que possam ter sido, para muitos, os projetos empreendidos por Fidel antes do triunfo revolucionário, há de se observar que sem uma rede que lhe proporcionasse sustentação e solidez; que sem figuras dispostas a comprarem seus ideais e vestirem o uniforme verde oliva do exército por ele capitaneado, sua revolução dificilmente haveria obtido os resultados que hoje conhecemos.

No que tange ao protagonismo de Fidel Castro, é bem verdade que pela iniciativa tomada no ato de 26 de Julho de 1953, torna-se natural que seu nome surja como elemento de destaque no tocante ao assunto. No entanto, o que temos observado é que o protagonismo do líder passa, em grande medida, por uma instância que vai além da ação armada de 1953: passa pela midiatização do líder e da revolução pretendida.

Mediatização essa que abre portas para reflexões e questionamentos bastante pertinentes a respeito de até que ponto Fidel Castro teria feito uso da imprensa para construir uma imagem pública e em que medida a imprensa é que teria feito uso de Fidel Castro para atingir seus objetivos comerciais.

O marketing político-revolucionário estabelecido por Fidel através de suas constantes intervenções na imprensa, representa um importante aspecto da projeção do líder no imaginário social de seu país, tendo em vista que, por mais que nos bastidores outras figuras lhe abrissem caminhos e criassem condições, sua voz era a que ecoava ante as massas cubanas e, mais do que isso, seu rosto é que estampava as páginas veículos de informação dentro e fora da ilha quando o assunto eram as tensões políticas de então.

A respeito da presença de Fidel Castro estampado na imprensa externa à ilha, Julia Sweig detalha que:

Before his arrest in the ensuing police crackdown of the province, País and several 26th of July comrades visited Castro in February 1957 and brought along the veteran New York Times war correspondent Herbert Matthews. Matthews's front-page reports with photographs of Castro caused a major splash in Cuba because they contradicted earlier reports by the Cuban information ministry and UPI that Fidel Castro was dead (SWEIG, 2002, p. 13).

Marcando mais um importante aspecto da guerra de informações contra o governo Batista, na primeira página do Times a reportagem de Matthews “levou Castro aos lares norte-americanos” e difundiu suas ideias naquele país (CHOMSKY, 2015, p. 47).

De acordo com o historiador Richard Gott:

Como no século XIX, os cubanos sabiam muito bem da necessidade de garantir o apoio da imprensa norte-americana, e os relatos de Matthews ajudaram a criar tanto em Cuba como no estrangeiro a imagem duradoura de um líder carismático e invencível (GOTT, 2006, p. 181).

É com esse cuidado em reconhecer o uso da imprensa como parte constitutiva da revolução cubana, observar a relação de Fidel Castro com esses órgãos e reconhecer as atuações de figuras outras que viabilizaram a Fidel a propaganda revolucionária que finalizamos o presente trabalho. A inequívoca importância de Castro Ruz para os resultados de janeiro de 1959 em nada deve diminuir a atuação de outros nomes e suas biografias. De igual maneira, o protagonismo que lhe é conferido – e que lhe cabe em muitos sentidos –, deve também ser compreendido como parte de uma atuação no sentido exato ao da promoção de suas ideias e figura carismática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACZKO, Bronislaw. *Los imaginarios sociales: memorias y esperanzas colectivas*. Traduzido por Pablo Betesh. 1ª edição, 3ª reimpressão. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

BEAULIEU, Sarah. *Política Cultural y Periodismo en Cuba: Trayectorias cruzadas de la prensa oficial y de los medios independientes (1956-2013)*. Tese (Doutorado em Literatura Espanhola) – Faculdade de Filosofia e Letras. Universidade de Granada, 2013.

CASTRO, Fidel. Soy un combatiente sin odios ni resentimiento. *Revista Bohemia*. La Habana, 25 de maio de 1955, p. 9.

CHOMSKY, Aviva. *História da Revolução Cubana*. Traduzido por Guilherme Miranda. 1ª edição. São Paulo: Veneta, 2015.

FAVATTO JÚNIOR, Barthón. *Entre o doce e o amargo: memórias de exilados cubanos* – Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante. 1ª edição. São Paulo: Alameda, 2014.

GONZÁLEZ, Patricia Calvo. *La Sierra Maestra en las rotativas: El papel de la dimensión pública en la etapa insurreccional cubana (1953-1958)*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História. Universidade de Santiago de Compostela, 2014.

GOTT, Richard. *Cuba: Uma Nova História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006

MENCÍA, Mario. *Prisão Fecunda*. Traduzido por 1ª edição. La Habana: Política, 1982.

NAVARRO, José Cantón. *Storia di Cuba*. La Sfida tra il Giogo e la Stella. 1ª edição. La Habana: Si-Mar, 2003.

RIZO, Maricel Coloma; COLOMA, Yaneydis Arencibia; AVILA, Daniel Arencibia. Frank País y el papel de la propaganda revolucionaria en el Movimiento 26 de Julio. *Revista Maestro y Sociedad*. Santiago de Cuba, v. 4, n. 2, p. 1-8, 2007.

CASTIÑEIRA, Katiuska Blanco. *Fidel Castro Ruz: Guerrillero del Tiempo - Conservaciones con el líder histórico de la Revolución Cubana. Primera Parte, Tomo II*. 1ª edição. La Habana: Ediciones Abril, 2011

SWEIG, Julia. *Inside the Cuban Revolution*. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

SZULC, Tad. *Fidel: um retrato crítico*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Best-Seller, 1987.